

JORNAL DOS CEGOS

Revista de educação e ensino intellectual e professional dos cegos

Publicação mensal — Assignatura por anno 300 réis

A importancia total das assignaturas d'esta publicação reverte a favor das Officinas «Branco Rodrigues» instituidas no Asylo dos Cegos de Castello de Vide, para onde devem ser enviadas directamente todas as quantias e a correspondencia relativa á administração do Jornal

<p>REDAÇÃO Livraria Catholica Rocio — Lisboa</p>	<p>REDACTOR BRANCO RODRIGUES</p>	<p>ADMINISTRAÇÃO Asylo dos Cegos Castello de Vide</p>
---	--	--

HISTORIA DO ENSINO DA ESCRIPTA DOS CEGOS

ESCRIPTA VULGAR — ESCRIPTA CONVENCIONAL

(Continuação)

Em 1822, sob a direcção de Pignier¹, o allemão Becke apresentou ao Instituto um guia de mão, pouco differente do de Valentim Haüy.

Em 1824 foi tornada a adoptar a idéa de Hassenfratz; Challan apresentou uma tinta espessa, que não obteve melhor resultado que a dos seus predecessores. No anno seguinte (1825) o joven Braille, modificando a *escripta nocturna*, inventou o seu alphabeto convencional; em 1830 a escripta de Braille foi ensaiada nas aulas do Instituto.

O alphabeto Braille, tão apropriado ás necessidades dos cegos, não podia, comtudo, satisfazer a todas as exigencias; em 1833, um condiscipulo de Braille, Guérault, imaginou, para a escripta vulgar, um guia de mão muito

¹ Vide: *Essai historique sur l'Institution des Jeunes Aveugles de Paris*, par Pignier, pag. 96.

simples com linhas paralelas concavas e convexas; era o *transtangivel*, do qual Dufau tambem se arroga a invenção¹; este guia de mão serviu durante algum tempo aos alumnos do Instituto, e ainda hoje é empregado por muitas pessoas.

Durante os trabalhos de Barbier, de Braille, de Challan e de Guérault, outras experiencias se faziam no estrangeiro; imaginaram-se diversas escriptas na escola de Vienna.

Knie, director da escola de Breslau, inventou uma prensa de mão; Gall, de Edimburgo, utilizando a cellula rectangular, construiu em 1830 um typhlographo, que ainda está em uso na Belgica; o hespanhol Isern, cego de nascença, construiu em 1835 um apparelho para escrever palavras e musica.

Estes apparelhos não satisfaziam a Braille, que passou toda a existencia a melhorar os instrumentos para o ensino intellectual dos cegos. Em 1838 inventou um apparelho para imprimir, e no anno seguinte applicou o systema dos pontos á escripta vulgar, conservando a cellula rectangular, o que era um progresso sobre a escripta de mademoiselle de Salignac.

A escripta vulgar em relevo pontuado, mais lisivel pelos dedos do que a escripta linear, estava descoberta, mas como era muito lenta, por causa de ter dez pontos de altura, um cego do hospicio dos Quinze-Vingt, Foucault, imaginou uma machina para escrever rapidamente.

O raphigrapho, que deixou de picar as letras em relevo para só produzir letras em negro, ficou em uso durante cincoenta annos em diversas escolas de França, da Suissa e da Italia; o seu preço era de 35 francos, e a escripta era bastante rapida, podendo-se formar 50 letras por minuto.

Klein, director da escola de Vienna, applicando os pontos ao primitivo apparelho, imaginou uma especie de imprensa manual contendo só letras maiusculas, que não excediam a 5 pontos de altura. Este instrumento foi levado, por Artelendi, ao Instituto de Paris em 1842; está ainda em uso na Austria, e apesar de ser de um manejo lento, dá resultados apreciaveis.

No periodo seguinte os inventores multiplicaram-se: em 1845, M. Hirzel, director da escola de Lausanne, inventou uma imprensa em relevo; em 1847, Thurber, de Boston, construiu o chirographo; no mesmo anno, Saintard apresentou no Instituto de Paris um guia de mão, representado mais tarde

¹ Vide: *Des Aveugles*, par Dufau, edição de 1850, pag. 125.

sob tres nomes differentes; em 1848, Foucault imaginou uma machina de imprimir, tornando-se o percursor dos fabricantes americanos de machinas de escrever; Hughes, de Manchester, inventou o typhlographo, baseado sobre o principio de um disco impressor; o relojoeiro Larivière, de Nancy, construiu igualmente um aparelho com disco; Levitte modificou em seguida o typhlographo Hughes; Schicett e Luiz Guldberg, de Copenhague, fizeram aparelhos impressores; Marchesi, de Lodi, produziu letras apreciaveis, ao tacto; Mahoni, de New York, imaginou um systema de escripta musical; Bourseul, de Paris, quiz em 1857 utilizar o alphabeto Morse para os cegos; Dubois, de Paris, em 1859, inventou uma carteira para compor typographicamente; Gastaldon, de Turim, fez em 1861 um aparelho typographico; M. Ballu tornou movel uma agglomeração de letras; Duvignaux, de Paris, no mesmo anno inventou um guia de mão chamado *cecirègle*, e lamentou-se de que no Instituto de Paris, os cegos de nascença que ali se achavam não pudessem servir-se do seu systema; Collard, de Paris, tornou practica a escripta musical; Barochin, Couteaux, Bruno, Passard, apresentam guias de mão. Todas estas fugitivas invenções só serviram para enriquecer os museus.

Em 1858 appareceram dois aparelhos que prestaram maiores serviços, um de Llorens, de Barcelona, o outro de Charles-Edouard Guldberg, de Copenhague. Llorens apropriou o typhlographo Gall á escripta em relevo linear, e o seu aparelho está ainda em uso em Barcelona; Guldberg applicou os obturadores moveis a fim de permittir o traçar regularmente as hastes das letras.

Da idéa de Guldberg nasceram os aparelhos de Galinberti, de Milão, Martuscelli, de Napoles (1868), Moon, de Brighton, e mais recentemente o de Kamps, de Grave (Hollanda).

Em 1859, Heboldt, professor da escola de Barby, na Prussia, imaginou, para ajudar a direcção da mão, collocar umas cavilhas sobre os lados do rectangulo, e o uso do seu guia para a escripta do alphabeto romano, generalisou-se na Allemanha. Aconteceu com o guia Heboldt, que produziu a linha, o que tinha acontecido com o raphigrapho, que produz o ponto: a escripta em relevo deu logar á escripta plana¹.

(Continúa)

¹ Os guias cellulares Guldberg, Galimberti, Martuscelli, Moon e Kamps, podem, assim como o guia Heboldt, produzir a letra em relevo e ao mesmo tempo a letra plana.

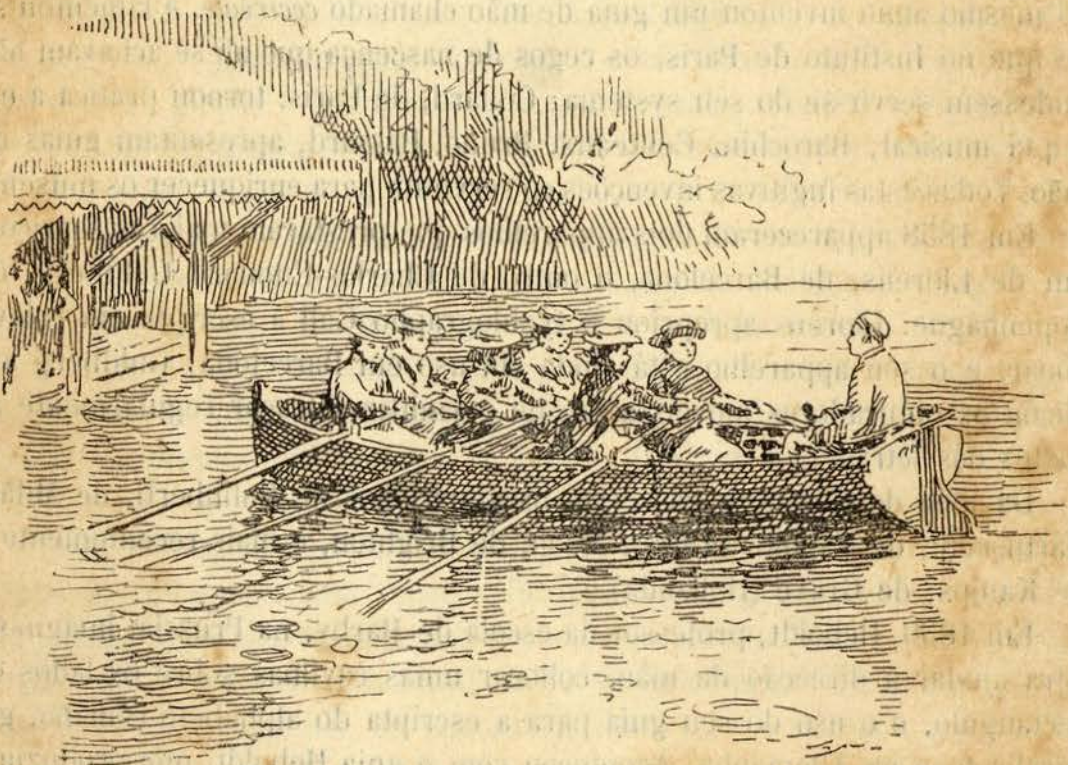
INSTITUTOS ESTRANGEIROS

Royal Normal College and Academy of Music for the Blind

(Real Collegio Normal e Academia de Musica para os Cegos)

(Continuação)

Os alumnos particulares que frequentam o curso preparatorio ou primario pagam por anno 50 libras, e os que frequentam o curso secundario ou superior, pagam de 80 a 100 libras.



REAL COLLEGIO DE LONDRES — Exercício de remar

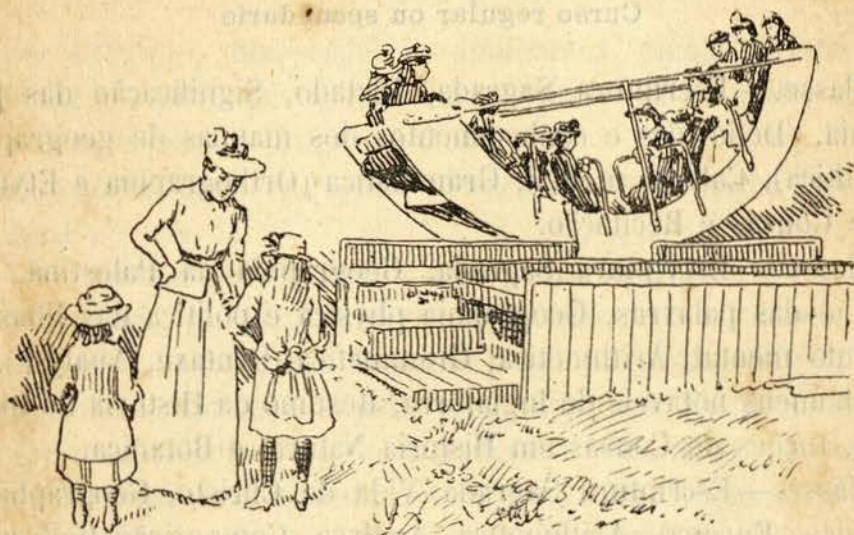
N'estes preços estão incluídos a comida, lavagem de roupa e tratamento medico, mas não estão incluídos o vestuario e as despesas extraordinarias.

O estado paga todas as despesas dos alumnos pobres.

Como é da maxima conveniencia que os alumnos conservem bem estreitos os laços de amizade com suas familias, vão por isso passar o periodo das ferias grandes, durante o verão, junto de seus parentes.

*

Para que os leitores façam idéa do grau de perfeição do ensino ministrado no *Real Collegio* de Londres, vou-lhes apresentar o *Plano dos Estudos*, que é deveras interessante.



REAL COLLEGIO DE LONDRES — Balouço

O ensino litterario é dividido em tres graus:

- 1) Curso primario. Jardim de Infancia para os alumnos de 5 a 10 annos.
- 2) Curso secundario para os alumnos de 10 a 13 annos.
- 3) Curso superior para os alumnos de 13 a 16 annos.

Dos 17 aos 21 annos os alumnos dedicam-se exclusivamente ao estudo da musica.

Plano de estudos do Real Collegio

Curso preparatorio ou primario

Este curso primario ou preparatorio é dirigido pelo systema dos Jardins de Infancia.

O principio de Frœbel, do trabalho e auxilio proprio, é muito mais essencial para a educação dos cegos do que mesmo para os videntes.

Presta-se um cuidado especial á educação moral, intellectual e physica das creanças.

Alem dos trabalhos do Jardim de Infancia, ensina-se aos cegos, durante este curso: a leitura, escripta, arithmetica, modelação, ensino technico e lições de cousas.

O systema Braille é o unico que se adopta n'este collegio.

Curso regular ou secundario

1.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Dictado, Significação das palavras, Geographia, (Definições e conhecimentos dos mappas de geographia physica e politica), Calculo mental, Grammatica (Orthographia e Etymologia), Lições de Cousas e Recitação.

2.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Geographia da Palestina, Dictado, Significação das palavras, Geographia physica e politica das Ilhas Britannicas, Calculo mental, Arithmetica, Grammatica (Syntaxe, Analyse), Biographias de homens notaveis de Inglaterra, Resumo da Historia de Inglaterra, Recitação, Lições de Cousas em Historia Natural e Botanica.

3.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Vida de Christo, Geographia (Imperio Britanico, Europa), Arithmetica, Analyse, Composição Ingleza, Elocução, Historia de Inglaterra, Physiologia, Latim e Francez.

4.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Vida e Escriptos dos Apostolos, Geographia (America, Asia e Africa), Algebra, Geometria, Composição, Rhetorica, Resumo da Historia Geral, Litteratura Ingleza, Latim, Francez, Allemão e Italiano.

Curso superior

1.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Historia da Biblia, Algebra, Geometria, Rhetorica, Historia (grega e romana), Litteratura (auctores classicos), Physica, Geologia, Latim, Francez, Allemão e Italiano.

2.^a Classe.—Escriptura Sagrada, Historia da Biblia, Historia (Moderna da Europa), Litteratura (classicos modernos), Physica, Astronomia, Economia Politica, Sciencia da Linguagem, Latim, Francez, Allemão e Italiano.

(Conclue no proximo numero)

OS CEGOS

Pelo cego M. de la Sizeranne

(EXTRACTOS)

PSYCHOLOGIA DO CEGO

I

(Continuação)

Ha, por exemplo, duas cadeiras semelhantes, ambas forradas de seda ou de velludo, pouco importa, mas uma é encarnada e a outra verde, uma é um pouco mais pesada do que a outra.

Quando alguém com vista quizer designar estas cadeiras dirá: a encarnada, a verde.

Não terá mesmo notado que a verde pesa trezentos ou quatrocentos grammas a menos, que tem uma pequena differença no estofo, ou que o velludo está mais coçado, que falta um prego na guarnição.

O cego conhece immediatamente essa differença; retem-na; mas retem tambem (se o ouviu dizer) que uma cadeira é encarnada e a outra verde; approxima na memoria a distincção tangivel e a distincção verbal, e se em um dado momento se lhe pede para se approximar da cadeira encarnada ou da verde, elle não hesitará em escolher a cadeira indicada e dirá como as pessoas que teem vista: «Estou sentado na cadeira encarnada», porque elle sabe que, vivendo com pessoas com vista, deve fallar-lhes a sua lingua e que para toda a gente estas cadeiras se chamam encarnada e verde; e não pesada, leve, nova e usada. Observações analogas servem aos cegos para distinguir uma multidão de factos identicos.

A attenção das pessoas que teem vista concentra-se sobre a manifestação visivel dos corpos; não leva mais longe as suas investigações.

Satisfeito com as indicações fornecidas pelos olhos, não percebe que ás manifestações visiveis se juntam ordinariamente outras manifestações mais insignificantes, talvez, mas muito sensiveis ainda para o tacto, para o ouvido, para o olfacto e para o gosto.

«Entre os homens, diz Pascal, a diversidade é tão simples que todos os tons da voz, o modo de andar, de tossir, de se assoar, de espirrar, são

differentes.» É muito verdade, e enquanto que as pessoas com vista, absorvidas pelo que vêem: cabellos, barba, expressão dos olhos, physionomia, não notam estas diferenças de tons, os cegos escutam-nas com attenção para d'ellas tirar proveito.

O dr. Howe, em um artigo que publicou na *North American Review*, Da educação dos cegos, escrevia a este respeito:

«Qual de nós, com os olhos fechados, poderia reconhecer a estatura das pessoas que nos cercam, só pela direcção da voz? É, todavia, o que fazem sempre os cegos; e, o que é muito mais surprehendente, é que elles adivinham, sem outro indicio, a idade das pessoas; fomos por muitas vezes testemunhas d'esta experiencia. É sabido que a voz soffre uma alteração de anno para anno; mas os nossos orgãos não são assás subtis para contar os elos d'essa cadeia: não differencamos senão os extremos. Distinguimos facilmente a voz de uma creança, de um homem na idade viril e a de um velho na decrepitude; mas as intermediarias escapam-nos. O tempo, na sua marcha lenta, mas continua, indica comtudo os traços da sua passagem na nossa voz, como sobre a nossa physionomia: são traços insensíveis para nós, mas que o ouvido exercitado do cego descobre.»

Um cego reconhece facilmente a especie de pessoas que passam junto d'elle. O operario que vae para a officina fumando cachimbo não tem o mesmo modo de andar do que o empregado publico que vae para a sua repartição saboreando um charuto, ou lendo um jornal.

A mulher elegante não anda do mesmo modo que a creada que vae ás compras. A costureira que vae para a modista differe na maneira de andar da religiosa que vae ouvir a sua missa ou se dirige para a casa de um doente.

Os differentes modos de andar manifestam-se ao ouvido por um conjuncto de ruidos, de sons, mais faceis de apreciar do que de definir.

Pelo som da voz mais facilmente se reconhecem as pessoas.

Enquanto alguém estiver silencioso e immovel diante de um cego é absolutamente impossivel ao cego saber quem é essa pessoa ou quaes são as suas intenções. Essa situação, porém, não se póde prolongar; basta um pequeno movimento, basta que se tussa ou que se espirre, para que o cego diga quem está junto d'elle; se se falla então, ainda mais rapidamente o cego descobre quem é. Uma pessoa reconhece-se pela voz, quasi tão bem como pela physionomia, e a voz, alem d'isso, muda ainda menos do que os traços physionomicos.

(Continúa)